

48.

IGREJA DO SALVADOR DE LUFREI



Rua da Igreja
Lufrei
Amarante



41° 16' 25,04" N
8° 3' 15,84" O



918 116 488



x



Divino Salvador
6 agosto



Imóvel de Interesse
Público, 1971



P. 25



P. 25



x

A velha Igreja de Lufrei situa-se num fértil vale junto à confluência de dois pequenos cursos de água, contrapondo-se, assim, à implantação de um número considerável de paroquiais edificadas em outeiros ou cumes mais ou menos elevados. A sua origem monástica poderá explicar esta localização, tomada como ideal por Cluny e pelos beneditinos e definitivamente adotada por Cister como local-modelo para a implantação das suas casas. De facto, atribui-se a Lufrei o estatuto de convento destinado a monjas beneditinas (talvez fundado pela família de Gonçalo João da Pedreira) que, como tantos outros casos na região (nomeadamente Gondar (Amarante) (p. 202)), resultou em abandono (meados do século XV) e consequente conversão em igreja paroquial (1455). De modestas dimensões, a Igreja de Lufrei serviu desde então de paroquial, sendo nessa função suplantada por uma nova igreja em 2001. Estamos diante de mais um edifício enquadrado no “românico de resistência”, tardio, bom testemunho da vernaculidade e da popularidade que o *modus aedificandi* românico assumiu entre nós. Daí que a arquitetura da época românica deva ser cada vez mais entendida na sua diacronia.

D. MEM DE GUNDAR

Uma tradição imputava a D. Mem de Gundar a fundação dos três cenóbios de bentas da região: em Amarante, Lufrei e Gondar (p. 202) e, em Baião, Gestaçõ. Embora não fundada documentalmente, a memória da ligação deste mosteiro de Lufrei a Gondar, que integra estas duas casas monásticas no movimento de criação de comunidades beneditinas femininas a partir do século XII, permaneceu na submissão de Lufrei àquela igreja por via do padroado. Cabia ao reitor de Gondar a apresentação do vigário de Lufrei.

Apesar da homogeneidade que se confirma ao nível da altura das fiadas de silhares, o aparelho que dá corpo a este pequeno templo prima pela irregularidade. Isenta de detalhes decorativos esculpídos, a Igreja de Lufrei é apenas iluminada por estreitíssimas frestas de sabor românico posicionadas em pontos-chave do edifício: sobre o portal principal e sobre o arco cruzeiro e apenas uma em cada alçado da nave. Os cachorros, de perfil mais quadrangular que retangular, são

lisos, testemunho do seu caráter tardio. O arranjo dos portais, que se inscrevem na espessura dos muros, sem colunas ou tímpano, corrobora-o. A empena da fachada principal é interrompida por uma dupla sineira, erguida ao modo românico.

No interior são parcos os vestígios românicos visíveis. Apenas sentimos o espírito românico desta Igreja pelas frestas que a iluminam de forma ténue ou pela dimensão do vão do arco triunfal que fecha à intimidade a capela-mor.

Retábulo-mor antes das intervenções da Rota do Românico (2013)



Os paramentos interiores encontravam-se, todos eles, rebocados a branco até ao final de 2013, altura em que a Igreja foi submetida a uma ação de conservação e restauro das suas pinturas murais. A caiação manteve, contudo, a sua preponderância, já que a intervenção centrou-se em três áreas distintas da Igreja: a capela-mor (atrás do retábulo-mor), a parede do arco triunfal e as áreas contíguas (atrás dos retábulos colaterais).

Na capela-mor, veio a confirmar-se a existência de camadas cromáticas fortes, já denunciadas pelas “janelas” abertas mecanicamente aquando da realização das sondagens. No topo da parede do arco triunfal, identificaram-se duas campanhas de pintura mural, mas de composição semelhante, na representação



do *Calvário*. Na parede norte da nave, merece destaque a figuração a fresco de um *Santo André*, acompanhada de uma inscrição datada de 1608.

Tanto o retábulo-mor como os colaterais da nave, que também foram alvo de conservação e restauro, inscrevem-se no período maneirista, conforme atesta a integração de painéis pictóricos na sua estrutura.

A TUMULÁRIA

No adro envolvente persistem três túmulos, com as respetivas tampas. São sarcófagos monolíticos, de contorno trapezoidal, talvez antropomórficos, com tampas igualmente de uma só pedra, de secção pentagonal e volume em duas águas. Estas três arcas foram referidas nas *Memórias Paroquiais* de 1758 relativas a esta freguesia, como indício da existência de homens insígnis na freguesia de Lufrei, da seguinte forma: “três túmulos de pedra inteira, que no adro desta igreja se conservam, levantados da terra, com cobertas de pedra, também inteira, lavradas em forma aguda, por todo seu comprimento. Os quais se não acham por alguma outra desta vizinhanças. Em dous deste túmulos se devizam alguns vestígios de nome que se lhe abriu ao cizel, mais por que o tempo corrompeo as letras, não se pode já averiguar o que era, nem na memoria dos homens há tradição, de quem fossem os sujeitos, que nelles se sepultaram”.



Os quais se não acham por alguma outra desta vizinhanças. Em dous deste túmulos se devizam alguns vestígios de nome que se lhe abriu ao cizel, mais por que o tempo corrompeo as letras, não se pode já averiguar o que era, nem na memoria dos homens há tradição, de quem fossem os sujeitos, que nelles se sepultaram”.



A NÃO PERDER

- 2,5 km: Termas de Amarante (p. 280)
- 2,8 km: Museu Municipal Amadeo de Souza-Cardoso (p. 277)
- 2,8 km: Igreja e Convento de São Gonçalo (p. 278)
- 2,8 km: Igreja de São Domingos - Museu de Arte Sacra (p. 279)